

Índice

O peso social dos livros infantis e juvenis	1
---	---

O peso social dos livros infantis e juvenis

As ficções que as crianças viram e leram, nunca figuram nas grandes análises sociológicas. Os intelectuais sérios não têm tempo para ler os livros infantis e muitos ficariam envergonhados que os vissem com algum nas mãos. No entanto, eles próprios explicam que as ficções dão forma às nossas relações com o mundo, pelo que sabem que aquilo que leem hoje maioritariamente as crianças, irá condicionar o seu modo de enfrentar a vida quando forem adultos.

Por outro lado, não é difícil comprovar com que acerto alguns livros infantis e juvenis do passado fizeram bons diagnósticos de males educativos ou sociais, ou cumpriram um importante papel como motores de mudanças culturais. E qualquer pessoa vê, igualmente, com que interesse tantos governos e instituições, públicas e privadas, promovem e financiam leituras infantis e juvenis de modo a moldar (a seu gosto) as mentes e os sentimentos das novas gerações.

Com as considerações que se seguem, o meu objetivo é mostrar que algumas explicações sobre o que se passa na sociedade se encontram nas ficções que os adultos consumiram em massa quando eram crianças e que ignorar o peso que tem a literatura infanto-juvenil (LIJ) na configuração da sociedade tem graves consequências. Avançarei alguns poucos exemplos que poderiam ser muitos mais.

Literatura anti-autoritária

Sabe-se que, ao enviar o manuscrito de “Pipi das Meias Altas” ([Astrid Lindgren](#), 1945) para a editora, a autora dizia que confiava em “que não informassem o Departamento de Proteção do Menor”, pois estava consciente de que Pipi era a primeira protagonista-menina rebelde da literatura e que, aos olhos de pais e pedagogos conformistas, seria subversiva, porque triturava o tradicional modelo de “menina boa e educada”. O que seguramente não esperava, é que a sua inteligente crítica aos excessos de uma educação formalista sem bons argumentos para justificar as regras de comportamento que manda observar, tivesse tanto eco e tanta influência posterior.

Em igual direção, e devido às tristes experiências anteriores, nos anos posteriores à II Guerra Mundial começaram as narrativas que se poderiam designar por anti-autoritárias. Muitas vezes, livros assim provocaram críticas de alguns adultos e educadores, por mais que devesse ficar claro que atacar bem o autoritarismo não é atacar a autoridade bem exercida. Do mesmo modo, deveria ficar claro igualmente, que os mais valiosos dos livros concretos dessa tendência não tiveram culpa de que, seguindo o seu rasto, tenham surgido outros que pegavam no problema real, mas o abordavam de modo pouco equilibrado.

De qualquer forma, o que agora quero sublinhar é algo simples que não recorro ter lido nos livros que conheço sobre revoltas juvenis: quando uma geração de crianças lê muitos livros que lhes fazem notar as deficiências dos educadores que têm, parece lógico admitir que aumentem os conflitos geracionais.

Ecologia

Em “Alguns Pensamentos Sobre a Educação” (1693), John Locke insistia na importância de impedir que as crianças fossem cruéis com os animais. Isto deu origem a uma linha de livros infantis: os escritos na perspectiva de um animal que observa os disparates que fazem os seres humanos. Entre outros, e para citar somente dois muito populares, o francês “Memórias de um Burro” (Condessa de Ségur, 1860) e o inglês “O Cavalo Preto” (Anna Sewell, 1877).

Atualmente, devido às numerosas ficções, escritas e cinematográficas, sobre animais humanizados, como os filmes da Disney, muitas crianças citadinas aceitam com toda a naturalidade narrativas sobre animais que às crianças do campo provocam riso. Também se pode constatar que, parcialmente, por causa do sentimentalismo abusivo de tantas histórias, muitos não sabem distinguir uma vida instintiva de uma vida moral e pensam, inclusivamente, que uma cadelinha limpa e simpática merece mais atenção do que um vagabundo sujo e mal-encarado.

Da falta de compreensão de um ponto básico, que os animais não têm direitos como os homens, mas que são os homens que têm obrigações para com os animais, surgem abordagens insensatas. No álbum “Zoo” (1992), tão extraordinário graficamente tanto quanto podemos esperar de Anthony Browne, uma família visita um jardim zoológico e o comportamento do pai como um energúmeno, perante animais que se apresentam como inocentes seres humilhados, faz dizer à misericordiosa mãe que o jardim zoológico é mais para as pessoas do que para os animais. Apoiar uma mensagem apresentando seres repelentes entre os que emitem opiniões opostas às nossas não é muito honroso, mas não é raro dentro da LIJ (como em tantas obras populares, por outro lado).

Pacifismo

O mesmo mecanismo manipulador no argumento – gente antipática no seu aspeto, nos seus comentários e nas suas ações, opondo-se a um herói amável e bondoso – encontramos em “A História de Ferdinando” (Munro Leaf, 1936), um livro de rejeição das touradas que teve muito eco, também por se ter convertido numa curta-metragem da Disney que ganhou um Óscar. Tendo em conta o herói, um touro pacifista entusiasta pelas flores, qualquer um que o leia pensará hoje que não é nada estranho que as crianças que o leram nos anos quarenta e cinquenta se tenham convertido nos primeiros *hippies*.

Depois da II Guerra Mundial, foram muitos os autores que se empenharam em promover entre as crianças uma forte rejeição dos conflitos bélicos. Nessa linha, apareceu um livro importante, “A Conferência dos Animais” (Erich Kästner,

1948), sobre a indignação dos animais perante os sofrimentos que as guerras causam às crianças. Entre as narrativas posteriores sobre o assunto não faltam as que, como “Rosa Branca” (Roberto Innocenti, 1985), falam bem da dor causada pelas guerras, ao mesmo tempo que referem situações que devem ser combatidas. Ora, nem todos os autores sabem mostrar que toda a injustiça é violenta, mas nem toda a violência é injusta, nem evitar tanto o simplismo inerente a muita LIJ – que esquece que não é a mesma coisa tentar apresentar as coisas do modo mais simples possível que torná-las mais simples –, como o simplismo próprio de qualquer ideologia que tenta que a realidade se acomode às suas ideias pré-definidas.

Feminismo

Em “Sangue Azul” ([Jane Austen](#), 1818), há uma discussão entre Anne, a protagonista, e o capitão Harville. Quando este invoca a seu favor o testemunho dos livros sobre a frivolidade feminina, Anne replica: “Se não se importa, é melhor não citar exemplos dos livros. Os homens tiveram todas as possibilidades de contar a sua história e nós, mulheres, nenhuma. A educação esteve sempre nas mãos deles, muito mais do que nas nossas; a pena de escrever sempre foi de vocês. Não vou admitir que os livros sejam prova de nada”.

É verdade: historicamente os livros não têm apresentado de forma equitativa as mulheres e as suas aspirações. Daí também o êxito de Jo March, de “Mulherzinhas” (Louise May Alcott, 1868), uma heroína que simbolizava bem a vontade de independência de muitas jovens. Ou, um século depois, o de “Um Atalho no Tempo” (Madeleine L'Engle, 1962), um livro de cujos méritos, e motivos para o sucesso, encontramos no facto da sua inteligente protagonista Meg Murry, filha de cientistas, ter sido a primeira rapariga que ocupou o centro de uma história juvenil de ficção científica.

Nas últimas décadas do século XX, foram feitos muitos estudos sobre os estereótipos aos quais têm estado confinadas as raparigas nos livros infantis, o que deu e continua a dar lugar a narrativas onde se invertem os papéis tradicionais. Daí, com todo o ímpeto que dá ter grande parte de razão, se ter chegado a uma situação algo estranha: a utilização dos livros infantis como armas numa batalha cultural e pedagógica sem tréguas, na qual os interesses literários e o respeito pela realidade acabaram por passar para segundo plano. Por exemplo, decorreram já algumas décadas ao longo das quais, se nos guiarmos pelo que observamos nos livros ilustrados infantis, diríamos que as mulheres ocidentais já deixaram de desempenhar tarefas do lar.

Barreiras sociais

O uso dos livros como armas para derrubar barreiras sociais, por outro lado, não é novo. O exemplo histórico mais relevante talvez seja "A Cabana do Pai Tomás" (Harriet Beecher Stowe, 1852), um grande apelo contra a maldade dos escravagistas – não exatamente contra o racismo, pois a condescendência gentil que respira a narrativa para com os negros não deixa de ser outra forma de racismo –, e um livro muito difundido, também porque se converteu numa leitura promovida nas escolas.

Desde então, foram inúmeros os livros feitos para revelar e se opor ao racismo. É interessante recordar o escândalo histórico que provocou, nalguns ambientes norte-americanos, uma história infantil ilustrada sobre o casamento de um coelhinho negro com uma coelhinha branca, intitulado "The Rabbit's Wedding" (Garth Williams, 1958). E, entre os valiosos romances juvenis que abordam bem o assunto e que se poderiam citar, um é "Sounder" (William Armstrong, 1970).

Outros livros infantis que se podem enquadrar neste ponto são os escritos para estimular quem padece de alguma deficiência e para apresentar as coisas, à luz mais positiva possível, a quem se encontra à sua volta. Dos primeiros com estas abordagens, um norte-americano foi "The Door in the Wall" (Marguerite de Angeli, 1949), uma boa narrativa de ambiente medieval sobre um rapaz coxo que aprende a tirar partido da sua lesão. Nas últimas décadas foram publicados romances valiosos sobre rapazes autistas, como o inglês "[O Estranho Caso do Cão Morto](#)" (Mark Haddon, 2003).

Um panorama amplo de livros destes tipos realça que existem assuntos sobre os quais se fala bem, mas há outros dos quais se fala pouco: tanto no passado como no presente, os livros infantis insistem nalgumas coisas, mas calam-se sobre outras. Por isso, foram e continuam a ser muito dignos de atenção, livros espanhóis como "Un tiesto lleno de lápices" (Juan Farias, 1982), sobre uma vida familiar iluminada por uma menina com síndrome de Down, ou como "Fanfamús" (Carmen Kurtz, 1983), sobre um menino não nascido que atua como protetor do seu irmão.

As margens do aceitável

Com igual intenção de ampliar as margens do aceitável, tanto no interior da própria LIJ, como dentro de uma determinada sociedade, no passado houve pessoas que abordaram temas que não haviam sido tratados antes nos livros infantis e que provocaram polémicas sobre pontos controversos. Algumas consideramo-las agora mesmo como insignificantes: a editora Ursula Nordstrom estava bem consciente da pequena tempestade que se levantaria quando fosse visto o primeiro nu frontal de um menino pequeno num álbum como "Na Cozinha da Noite" ([Maurice Sendak](#), 1970).

Outras aconteceram quando aos livros juvenis chegou o chamado "novo realismo": narrativas com personagens não exemplares e com situações de conflito devidas a desajustamentos familiares e sociais. Um dos primeiros foi "Os Marginais" (Susan Hinton, 1967), sobre alguns adolescentes membros de gangues retratados com uma forte veia romântica (o filme posterior de Coppola também contribuiu para a sua popularidade). Chegaram na mesma época muitos romances em que se abordaram pela "primeira vez": um sobre as mudanças físicas na puberdade das meninas, outro que apresentava a masturbação com toda a naturalidade, outro cujo protagonista era um rapaz homossexual, outro com relações sexuais entre adolescentes, etc. Abertos alguns furos na parede, veio a inundação.

A citada Nordstrom não quis publicar "The Chocolate War" (Robert Cormier, 1974), acerca de um professor que permite que se trate violentamente um rapaz que não apoia os seus planos; o livro, em si mesmo valioso, foi publicado por outra editora e obteve prémios e aplausos (que se pode pensar, sem se ser demasiado malicioso, que também se deveram ao facto da ação ter lugar numa escola católica e à condição de religioso do professor malvado). Passado algum tempo, já não existe qualquer escrúpulo por parte de muitos editores de LIJ, em acomodar nos seus catálogos narrativas que incluem situações de violência extrema e doentia. Se para certas decisões dos autores e editores do passado se invocavam interesses de mudança social, discutíveis mas legítimos, para muitas de hoje, os interesses que têm primazia são os comerciais, por mais que se tentem disfarçar.

Livros como aríetes

Acrescente-se que o referido anteriormente foi possível graças ao caminho que abriram alguns excelentes romances anteriores que, sem o pretenderem os seus autores, se viram catapultados para o centro da LIJ: porque foram lidos espontaneamente por muitos jovens, porque se promoveram em muitas escolas devido à sua qualidade literária e ao seu interesse de argumento, e porque chegaram na altura e lugar oportunos.

Foram os casos de "Uma Agulha no Palheiro" ([J.D. Salinger](#), 1949) e a sua abordagem de alguns problemas juvenis, e de "O Deus das Moscas" (William Golding, 1955) e o seu foco de como a violência mais cruel pode fecundar também entre crianças ("[Aceprensa](#)", [13.9.2009](#)).

Do mesmo modo, para entender tantas ficções distópicas como as das últimas décadas, é necessário recordar romances que diagnosticavam males presentes e futuros de forma tão aguda como o fizeram "O Triunfo dos Porcos" (George Orwell, 1948) ou "Fahrenheit 451" ([Ray Bradbury](#), 1953) ("[Aceprensa](#)", [7.11.2012](#)).

Igualmente, uma obra como “*O Senhor dos Anéis*” (J.R.R. Tolkien, 1955), com a sua mensagem da corrupção que com tanta facilidade o poder provoca, está na base da desconfiança que tantas sagas de aventuras fantásticas posteriores inculcam naqueles que exercem o poder político e económico.

É interessante reter que os livros citados nestes últimos parágrafos, todos tão valiosos, nasceram à margem de qualquer instituição educativa. É a sua força literária e de argumento que os fez triunfar e os fará sobreviver, e é seu destino serem tão imitados que, tantas vezes, os seus conteúdos são banalizados e simplificados abusivamente, e não apenas na LIJ.

A espuma e as correntes de fundo

Quanto a muitos dos livros que, durante as últimas décadas, foram lidos por muitos milhões de pessoas – cujo triunfo em larga escala se deve muito aos filmes que os acompanham, ao investimento publicitário, ao eco nas redes sociais, etc.–, deve dizer-se que não mudam nada socialmente, dado que a sua aceitação se deve à sua perfeita integração no pensamento dominante no qual, logicamente, se apoiam mais. Outra coisa é que alguns desses êxitos aconteçam contra qualquer tipo de prognóstico, algo que, isso sim, diz coisas interessantes de outro cariz, aspeto que não vou abordar agora.

Se é verdade que bastantes dos êxitos circunstanciais na LIJ são narrativas cúmplices com o leitor jovem e também é um facto que existem muitos em que ficam desfocadas regras éticas essenciais – como a de que as exceções devem ser admitidas como exceções, ou a de que, embora às vezes utilizemos meios inadequados, o fim nunca justifica os meios. Em relação a isto, é apenas de apontar a ideia de que o nosso futuro como sociedade depende muito do sentido moral, e dos modos que as crianças adquirem com as narrativas a que têm acesso na infância.

Contudo, podemos confiar em que, tal como o “prova” o facto de haver contínuas edições renovadas das melhores narrativas do passado, enquanto as novidades são como a espuma que inunda a superfície do mar quando as ondas golpeiam batem sucessivamente as rochas, os grandes livros da história da LIJ são como as poderosas correntes de fundo que têm um impacto prolongado no tempo e são uma referência permanente para as gerações sucessivas. Entre outras coisas, porque os bons leitores, não os leitores ocasionais, procuram sempre que assim seja.

L. D. G.